

## ARTICULAÇÃO SINTÁTICA DO TEXTO: USO DOS CONECTORES CONCESSIVOS

Letícia Vieira da Conceição  
Mestrado/UFF  
Orientadora: Edila Vianna

O presente trabalho analisa a ocorrência da *concessividade*<sup>1</sup> em estruturas oracionais (ou não oracionais), o acervo de conjunções e/ ou locuções conjuntivas utilizado e a relevância do emprego dessas construções como mecanismos de argumentação em textos de editoriais, gênero textual do domínio jornalístico.

Para a consecução dos objetivos deste trabalho, será estabelecido um *corpus* formado de cerca de setenta editoriais do jornal *O Globo* publicados no período que compreende os anos de 2013 e 2014, de modo que se possam observar: a) possíveis alterações no quadro das conjunções concessivas apresentadas nas gramáticas tradicionais; b) a existência de tipos preferenciais em seu âmbito, bem como analisar o papel desses conectores na argumentação.

Como aspectos teóricos, objetiva-se cotejar o modo como duas perspectivas teóricas abordam a *língua em uso*. A primeira delas é a Sociolinguística, teoria que leva em consideração os aspectos sociais e a estrutura da língua no estudo do seu uso. A segunda é o Funcionalismo, corrente linguística que se opõe ao estruturalismo e ao gerativismo e que estuda a estrutura gramatical das línguas inserida em seus diferentes contextos comunicativos.

### Fundamentação teórica

Sabe-se que a teoria que estuda a língua em seu uso real, considerando os seus aspectos sociais e culturais, é a Sociolinguística. Para ela, língua e sociedade são

---

<sup>1</sup> De acordo com ROSÁRIO (2012), o termo *concessividade*“ apresenta um espectro de possibilidades e análises bem mais amplo, inclusive abarcando estruturas que não são prototipicamente concessivas, mas, ao contrário, apresentam pontos de contato com outras construções da língua portuguesa.”

---

indissociáveis, isso significa dizer que o estudo da estrutura linguística não é independente do contexto situacional, a língua não é vista como uma estrutura autônoma, mas como um fenômeno de natureza social.

A língua em situação concreta de uso apresenta diferentes variedades nas diversas manifestações verbais e é o sociolinguista que estuda a variação e mudança linguísticas, procurando estabelecer os principais fatores (linguísticos e extralinguísticos) que motivam essa diversificação da linguagem.

Existem as chamadas variantes linguísticas, que são as diferentes formas de expressão verbalexistentes nas comunidades de fala, formas estas que devem ser adequadas pelo sujeito falante de acordo com as situações de comunicação.

Cabe ao sociolinguista descobrir os contextos que favorecem a variação: a) na fala de um mesmo grupo de falantes; b) entre grupos distintos de falantes divididos segundo variáveis convencionais, a exemplo de sexo, idade, escolaridade, procedência, etnia, nível socioeconômico. A partir da frequência de uso das variantes, cabe a ele estimar as tendências associadas a cada frequência e verificar se se trata de variação instável ou estável. (CEZARIO e VOTRE, 2013: 143)

O estudo da variação linguística pode ser subdividido em três tipos diferentes: 1) variação regional – cidades, estados, regiões ou países diferentes; 2) variação social – diferentes grupos socioeconômicos, faixa etária, escolaridade, etc.; 3) variação de registro – grau de formalidade. CEZARIO e VOTRE apresentam um exemplo que abrange as três variações:

Um exemplo em que podemos ver a atuação dos três tipos de variável independente é o caso do uso de “tu” vs. “você” com o verbo na terceira pessoa do singular: “tu fez”, “tu quer”. Do ponto de vista regional, podemos dizer que há cidades, como o Rio de Janeiro, que apresentam tanto a variante “você” quanto a variante “tu”; a variável idade aponta a preferência de jovens pelo uso de “tu”, e a variável escolaridade a associa com os menos escolarizados; já a variável registro mostra que o pronome “tu” tende a ser usado nos momentos mais informais. (CEZARIO e VOTRE, 2013: 145)

A língua pode variar de diversos modos. De acordo com Ronald Beline (2011), “numa mesma língua, um mesmo vocábulo pode ser pronunciado de formas diferentes, seja conforme o lugar – variação diatópica –, seja conforme a situação (mais formal ou mais informal) em que se está falando – variação diafásica.” (BELINE, 2011: 122)

---

Existe a **variação lexical**, que é aquela que faz referência a um elemento do mundo por mais de um termo linguístico. Por exemplo, em regiões de culturas distintas, é normal haver diferenças de vocabulário: na Bahia, usa-se o vocábulo “jerimum” que equivale à palavra “abóbora”, comum nos estados do Sul e do Sudeste do Brasil. Este exemplo constitui uma variação diatópica.

Há, também, a **variação fonética**, que é aquela que ocorre nos sons das palavras que são pronunciadas por falantes de regiões diferentes. Como exemplificação, tem-se o conhecido caso da pronúncia de paulistanos e cariocas; em São Paulo, o –r é pronunciado como uma vibrante simples, e no Rio de Janeiro, este mesmo –r é pronunciado de forma aspirada. Pode-se dizer, portanto, de acordo com Ronald Beline, (2011), “que o /r/ (o flap paulistano) e o /h/ (o aspirado carioca) são variantes linguísticas.” (BELINE, 2011: 122)

A **variação morfológica** é mais um dos modos em que as línguas variam, como, por exemplo, o –r final encontrado nos verbos em sua forma infinitiva pode ser pronunciado de duas maneiras: “andar” e “andá”, que representam duas variantes, respectivamente, “presença do –r final” e “ausência do –r final”, dois morfemas que expressam a noção gramatical de infinitivo (morfema {-r} e morfema {Ø}). Quando um mesmo falante opta por omitir o –r final de um verbo em uma situação mais informal de fala e, em contrapartida, pronunciar o –r final do verbo em uma situação mais formal de fala, é possível dizer que ocorre uma variação diafásica.

Para os funcionalistas, a linguagem é um instrumento de interação social que vai além da estrutura gramatical, leva-se em consideração a situação comunicativa, envolvendo os interlocutores, seus propósitos e o contexto discursivo, isto é, a motivação para os fatos da língua.

Segundo CUNHA (2013), “a abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as condições discursivas em que se verifica esse uso.” (CUNHA, 2013: 157). Para fins de melhor compreensão, o autor apresenta como exemplo um fenômeno comum do dia a dia, que e manifesta em duas sentenças: a) Você é desonesto. b) Desonesto é você. Trata-se de uma inversão dos termos das orações que, no contexto de uso, têm o seu sentido alterado, são situações comunicativas distintas, pois em “a” há uma afirmativa, já em “b” há uma réplica, visto que o predicativo “desonesto” vai para o início da sentença. É o contexto de uso que motiva as diferentes estruturas sintáticas.

---

Pode-se dizer, de acordo com Cunha, que o modelo funcionalista de análise linguística caracteriza-se por duas propostas básicas: 1) a língua desempenha funções que são externas ao sistema linguístico em si; 2) as funções externas influenciam a organização interna do sistema linguístico. Desta forma, a língua obedece às diferentes situações comunicativas dos falantes, ela não é autônoma e nem independente do comportamento social.

Existem dois tipos de funcionalismo: o europeu e o norte-americano. O primeiro originou-se no Círculo Linguístico de Praga, fundado em 1926 pelo linguista tcheco Vilém Mathesius. Segundo CUNHA (2013):

(...) o funcionalismo surge como um movimento particular dentro do estruturalismo, enfatizando a função das unidades linguísticas: na fonologia, o papel dos fonemas (segmentais e suprasegmentais) na distinção e demarcação das palavras; na sintaxe, o papel da estrutura da sentença no contexto. (CUNHA, 2013: 159)

O segundo, funcionalismo norte-americano, surge a partir da década de 70 e tem como característica principal analisar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. Segundo Cunha, Bispo e Silva (2013), a proposta desta corrente teórica é que o estudo do discurso e da gramática seja simultâneo, para que se possa entender como a língua se configura. Os autores afirmam o seguinte:

Parte-se do princípio de que há uma simbiose entre discurso e gramática: o discurso e a gramática interagem e se influenciam mutuamente. A gramática é compreendida como uma estrutura em constante mutação/ adaptação, em consequência das vicissitudes do discurso. Logo, a análise dos fenômenos linguísticos deve estar baseada no uso da língua em situação concreta de intercomunicação. (CUNHA, BISPO e SILVA, 2013: 14)

Os conceitos e princípios que norteiam esta teoria são os seguintes: a informatividade, a iconicidade, a marcação, a transitividade e plano discursivo e a gramaticalização. De acordo com CUNHA (2013), a informatividade focaliza o conhecimento que os interlocutores compartilham, na interação verbal e interfere na ordenação que os elementos linguísticos assumem na cláusula. A iconicidade é definida como a correlação natural e motivada entre forma e função. A marcação se dá através do contraste entre dois elementos de uma dada categoria linguística, seja ela fonológica, morfológica ou sintática. A transitividade e plano discursivo seguem a escala de

---

equivalência de Hopper e Thompson, segundo a qual, de acordo com o grau de transitividade de uma oração, é possível identificar o plano discursivo. E, por fim, o conceito de gramaticalização designa um processo unidirecional, segundo o qual itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.

Pode-se dizer, portanto, que a língua é vista como instrumento de comunicação não-autônomo que está submetida às pressões comunicativas do meio no qual se insere, ou seja, ao uso, o que é refletido diretamente sobre sua estrutura linguística.

No âmbito dos estudos de orientação pragmática, observam-se posições que se afastam das dos gramáticos tradicionais, no que concerne ao acervo de conectivos concessivos e à sua função argumentativa. NEVES (2000), por exemplo, afirma que, como construções contrastivas, as concessivas são essencialmente argumentativas, visto que, do ponto de vista da pragmática:

As construções concessivas indicam que o falante pressupõe uma objeção à sua asserção, mas que a objeção é por ele refutada, prevalecendo a sua asserção. O que está implicado, aí, é que, nas construções concessivas – como nas condicionais – existe uma hipótese, que, no caso das concessivas, é a hipótese de objeção por parte do locutor. (NEVES, 2000: 874)

Desta forma, o falante deixa prevalecer a ideia expressa na oração principal. De acordo com a mesma autora, a ordem das construções concessivas obedece a propósitos comunicativos, podendo ser representada das seguintes maneiras: *Embora/ Oração Concessiva,/ Oração Principal* ou *Oração Principal,/ Embora/ Oração Concessiva*. As principais conjunções ou locuções concessivas, segundo NEVES, são: *embora, conquanto, mesmo que, ainda que, posto que, apesar (de) que, se bem que, por mais que, por muito que, por menos que, nem que, ainda quando, não obstante*.

De acordo com ABREU (1994), a articulação sintática de oposição, com emprego da subordinação concessiva tem efeito de modalização, uma vez que prepara, com antecipação, o destinatário para uma conclusão contrária ao inicialmente esperado. O acervo de conjunções/ locuções estabelecido por Abreu é o seguinte: *embora, muito embora, ainda que, conquanto, posto que, apesar de, a despeito de, não obstante*.

Para BECHARA (2005), entretanto, diversos são os recursos léxico-gramaticais que expressam a concessão:

- 
- a) conjunções: *ainda que, embora, posto que, se bem que, contudo*;
- b) expressões: *digam o que quiserem, custe o que custar*;
- c) locuções prepositivas: *apesar de, sem embargo de*;
- d) orações adverbiais reduzidas: *Não sendo professor, ele passa todo tempo ensinando*.
- e) ausência de sinalização específica: *Tivesse ele pedido perdão de joelhos, ainda assim não lhe perdoaria*.

Assim, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2005), Bechara classifica as conjunções subordinativas como *transpositores*, e as concessivas como sendo aquelas que “iniciam oração que exprime que um obstáculo – real ou suposto – não impedirá ou modificará a declaração da oração principal”.

Ao termo *concessão*, AZEREDO (2000) atribui o conceito de “relação de sentido em que um fato ou ideia é representado como um dado irrelevante para o conteúdo do restante do enunciado”; e nomeia *concessiva* “a oração que expressa o dado irrelevante”. Em AZEREDO (2008), encontram-se os seguintes conectivos concessivos: *ainda que, ainda se, apesar de, conquanto, embora, mesmo que, mesmo se, nada obstante, não obstante, onde quer que, por mais que, por muito que, por pior que, por pouco que, posto que, qualquer que, se bem que*. Quanto ao uso de tal acervo de conjunções, Azeredo faz a seguinte afirmação:

(...) algumas conjunções estão exclusivamente a serviço dos textos dissertativos de opinião; outras indicam basicamente relações circunstanciais próprias do discurso narrativo, mas podem assumir cumulativamente papéis relacionados à construção do discurso de opinião. (AZEREDO, 2008: 232)

Vale mencionar, ainda, a definição para construção concessiva apresentada por ROSÁRIO (2012), em sua Tese de Doutorado *Expressão da Concessividade em Construções do Português do Brasil*, e elaborada com base em estudos de vários autores (brasileiros e estrangeiros) sobre a concessividade:

Construção concessiva - estrutura contrastiva em que se combinam uma base e uma cláusula concessiva (ou sintagma concessivo), a qual expressa um fato real ou suposto que não impede ou modifica a

---

realização do fato principal. Assim, esse fato presente no segmento concessivo seria oposto à realização da informação da base, mas inoperante. (ROSÁRIO, 2012:25)

RODRIGUES (1998) descreve de modo geral o uso das conjunções subordinativas na língua escrita padrão e mostra que o elenco desses conectores vai muito além dos quadros descritos nas gramáticas da Língua Portuguesa. Esta pesquisa, ao partir da terminologia *articulador sintático* de Abreu (1994), corrobora a posição de Rodrigues, detendo-se especificamente no emprego daqueles instrumentos de conexão que servem à expressão do valor semântico da concessão. Apresenta, assim, o importante aspecto de promover a pesquisa dos articuladores sintáticos de valor concessivo efetivamente em uso em textos argumentativos, representativos do gênero editorial, que se expressa essencialmente na língua escrita padrão.

Dessa forma, pretende-se também contribuir para atualizar as descrições dos conectivos subordinativos concessivos que aparecem nas gramáticas e manuais didáticos de português e, verificar quais continuam a ser usados; quais estão, aparentemente, sendo abandonados e as prováveis inovações em seu emprego, de modo a demonstrar que, além do uso sintático e morfológico, os conectivos também desempenham relevante papel discursivo. Com esse trabalho, objetiva-se, igualmente, fornecer subsídios para o ensino do emprego dos articuladores como recurso argumentativo.

### **Concessividade: um processo argumentativo**

A concessividade é um dos mecanismos que podem ser utilizados para a contestação dos argumentos do outro, visto que a relação sintática que se estabelece entre as estruturas concessivas conduz a diferentes estratégias argumentativas para o locutor convencer o alocutário do seu ponto de vista.

Argumentar é, em primeiro lugar, convencer, ou seja, vencer junto com o outro, caminhando ao seu lado, utilizando, com ética, as técnicas argumentativas, para remover os obstáculos que impedem o consenso. Argumentar é também saber persuadir, preocupar-se em ver o outro por inteiro, ouvi-lo, entender suas necessidades, sensibilizar-se com seus sonhos e emoções. (...) Argumentar é motivar o outro a fazer o que queremos, mas deixando que ele faça isso com autonomia,

---

sabendo que suas ações são frutos de sua própria escolha.(ABREU, 2009: 97)

## **Argumentatividade**

Segundo Koch, a argumentatividade não constitui apenas algo acrescentado ao uso linguístico, mas, pelo contrário, está inscrita na própria língua. Pode-se concluir desta afirmação que o uso da linguagem, por si só, é argumentativo.

Sabe-se que nem todo texto é argumentativo, entretanto todo texto tem sua argumentatividade, que é a tentativa de convencer o outro. Desta forma, para que seja desencadeado esse tipo de relação, há na gramática de cada língua os chamados operadores argumentativos ou discursivos, que são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados, estruturando-os em textos e determinando a sua orientação discursiva.

Torna-se, pois, necessário pôr em evidência, na descrição gramatical da língua, os paradigmas constituídos de valor essencialmente argumentativo, elementos esses que, ao selecionar enunciados capazes de constituírem a sequência do discurso, são responsáveis pela sua orientação argumentativa global, no sentido de levarem o interlocutor a um determinado tipo de conclusões a favor das quais os enunciados que os contêm podem servir de argumentos, ou seja, as possibilidades discursivas que, a partir deles, se abrem. (KOCH, 2011: 106)

No que concerne ao modo de organização argumentativo, pode-se dizer que argumentar é levar o outro a partilhar de uma mesma opinião, é fazer com que uma pessoa proceda de acordo com a vontade do outro. KOCH (2008) conceitua argumentação: “argumentar é orientar o discurso no sentido de determinadas conclusões”. Para ABREU (2009), “argumentar é a arte de convencer e persuadir”. Segundo este autor, *convencer* dá-se pelo confronto no campo das ideias (lógica), enquanto *persuadir* é a discussão no âmbito da subjetividade (emoção).

## **Procedimentos metodológicos**

Em virtude de o gênero textual *editorial jornalístico* apresentar características eminentemente argumentativas e pela conseqüente possibilidade de ocorrências de estruturas concessivas, considerou-se de suma relevância a escolha deste gênero para a formação do *corpus* desta pesquisa, já que são textos que se configuram em língua



---

escrita padrão e que apresentam relações de concessividade, como estratégia retórica direcionada à argumentatividade.

A escolha do jornal O Globo justifica-se pelo fato de este ser um instrumento de comunicação que está direcionado a um público alvo formado por leitores pertencentes a classes de maior prestígio cultural e social e por apresentar uma linguagem que se afasta da informalidade e se aproxima do padrão linguístico desejado.

A seleção dos editoriais que formam o *corpus* desta pesquisa foi feita em um período de dois meses e os textos são dos anos de 2013 e 2014, extraídos do site do Blog do colunista Ricardo Noblat.

### **Uma análise da hipotaxe adverbial concessiva em editoriais jornalísticos**

Um dos principais objetivos desta pesquisa é avaliar a natureza lógico-semântica e pragmático-discursiva da relação da concessividade, a partir de um *corpus* formado por 70 editoriais do Jornal *O Globo*.

Para esta análise, será adotada a nomenclatura usada por ABREU (1994) para a referência tanto às conjunções quanto às locuções prepositivas, denominadas por ele de *articuladores sintáticos*.

### **Articuladores sintáticos presentes nas gramáticas**

Dos 100 articuladores sintáticos que apresentam valor semântico de concessão e encontrados nos textos que integram o *corpus* desta pesquisa, 97 se encontram listados nas gramáticas atuais. Podem ser classificados como conjunções e locuções conjuntivas concessivas ou como preposições e locuções prepositivas.

Para fins ilustrativos, será citado um exemplo para cada ocorrência de conectores. A mencionar:

- Embora – 29 ocorrências

(1) O Fórum é um dos eventos internacionais que mais contribuem para a formação dos conceitos que os mercados têm sobre essa ou aquela economia. Não é um congresso de financistas, **embora** tenha chegado a ser identificado como um oráculo dos mercados. Partidos ditos de esquerda costumam rejeitá-los, **embora** haja declaradamente

---

interesse dos participantes em ouvir diferentes correntes de opinião, sérias e fundamentadas. (24/01/2014)

No exemplo (1), o prototípico embora encontra-se presente duas vezes em um mesmo trecho, na ordem “oração principal/ embora/ oração concessiva”, deixando prevalecer aquilo que é exposto na oração principal. Este foi o conector encontrado com maior frequência nos editoriais analisados.

- Apesar de – 21 ocorrências

(2) Cabe lembrar o antigo princípio de que período de eleição corresponde a um salto no crescimento da economia, devido à injeção de dinheiro público patrocinado pelos governos para atrair votos — **apesar das** normas reguladoras existentes na legislação eleitoral para coibir esta e outras manobras clientelísticas clássicas. (31/12/2013)

No exemplo (2), há a ocorrência de apesar de. O conector é usado para fazer o jogo de contra-expectativa típico das concessivas.

- Mesmo – 20 ocorrências

(4) O perigo da inflação alta, mesmo estabilizada (Título de Editorial-08/11/2013)

(5) O mercado passou a receber bem essas mudanças, e quase todas as licitações realizadas nos últimos três meses foram bem-sucedidas. **Mesmo** sendo um ano eleitoral, tudo leva a crer que as licitações que o governo decidiu realizar em 2014 para concessões na infraestrutura de transporte terão bom resultado. Falta testar o modelo em novas ferrovias, mas, se as autoridades ouvirem, também nesse segmento, as partes interessadas, o risco de dar errado será mínimo. (30/12/2013)

Nos exemplos (4) e (5), o conectivo mesmo expressa a noção de concessividade no título de um editorial e em um trecho extraído de outro editorial. Do ponto de vista gramatical, mesmo é preposição.

- Mesmo que – 19 ocorrências

(6) Por sorte, surgiu um atraso na construção de Jirau, e o prejuízo causado pelo descuido será de “apenas” R\$ 100 milhões. Além do aspecto técnico do problema — turbinas poderiam ter queimado —, há dispositivos contratuais que garantem a remuneração da usina **mesmo que** a energia não consiga chegar ao consumidor. (15/08/2013)

---

No exemplo (6), o pensamento concessivo se manifesta através do articulador sintático mesmo que, que mostra que um obstáculo não vai impedir a realização do fato expresso na oração principal. Do ponto de vista gramatical, mesmo que é locução conjuntiva.

- Ainda que – 2 ocorrências

(7) **Ainda que** segurança seja um bem que não tem preço, é crucial compensar esse aumento do custo de vida com algo mais que a queda dos índices de violência. Além de UPPs, é preciso que, para as comunidades, o acesso a escolas, saúde, saneamento e outros serviços públicos também seja um legado efetivo do programa de pacificação. (27/04/2014)

No exemplo (7), o articulador sintático ainda que aparece no início do segmento concessivo colocando em destaque a objeção e posteriormente a asserção, fato que não será impedido de se realizar.

- Sem que – 6 ocorrências

(8) A estatal se tornou também um instrumento a serviço de interesses políticos e, assim, deixou de ser conduzida com base em boas práticas gerenciais. Daí o projeto de uma refinaria no Maranhão e uma outra em Pernambuco, esta em sociedade com a Venezuela de Hugo Chávez, **sem que** sequer um centavo de dólar o regime bolivariano tenha destinado ao empreendimento até agora. (29/01/2013)

### **Articuladores sintáticos ausentes das gramáticas**

Em relação aos articuladores sintáticos da concessão não listados nas gramáticas e manuais didáticos da atualidade, pode-se considerar seu emprego irrelevante nos textos analisados. Foram encontrados apenas 3 ocorrências de dois tipos, que a seguir se exemplificam.

- Mesmo assim - 2 ocorrências

(9) Houve evidente falta de um plano de contingência para o caso de paralisação do metrô. Algo que costuma acontecer. Por isso, previsível. **Mesmo assim**, nada em especial foi feito. O sistema de ônibus, claro, ficou ainda mais sobrecarregado. (25/07/2013)

---

No exemplo (9), há a ocorrência do articulador concessivo mesmo assim, que por sua vez não está descrito nas gramáticas atuais, contudo expressa valor semântico de concessão.

- Ainda assim - 1 ocorrência

(10) No Brasil, a questão da liberdade de expressão na internet parece bem encaminhada, não só pela recente aprovação, pela Câmara, do Marco Civil, mas por compromissos claros da sociedade com esse princípio. Mas, **ainda assim**, há espasmos de autoritarismo mal disfarçados em alegadas defesas da privacidade — como a campanha a favor da censura de biografias. É contra a disseminação desses surtos de arbitrariedade, que ecoam em sentenças como a do tribunal europeu, que é preciso ficar alerta. A Corte europeia parece ter dado um passo atrás, um exemplo que o Brasil não deve seguir. (25/05/2014)

No exemplo (10), a noção de concessividade está sendo expressa pelo conector ainda assim, o qual resume toda a objeção que se apresenta anteriormente, de modo que apresenta não só o papel de articulador, mas também o de elemento coesivo referencial. Este é mais um articulador sintático ausente nas gramáticas e manuais didáticos.

### **Considerações Finais**

Por meio deste estudo de orientação funcionalista sobre o uso da hipotaxe adverbial concessiva em editoriais jornalísticos, constatou-se que a noção de concessividade é expressa por articuladores sintáticos pouco variados, visto que, em setenta editoriais analisados, há um número elevado de ocorrências repetidas dos mesmos conectivos, como por exemplo, embora, apesar de, mesmo e mesmo que, que se encontram listados nas descrições das gramáticas do Português.

Talvez essa normatividade se deva ao próprio gênero textual. Conforme já se comentou anteriormente, o editorial jornalístico é eminentemente argumentativo, porque informa, opina e está engajado à posição do jornal. Em consequência, o emprego de estruturas concessivas aparece expressivamente representado nesse gênero por constituir importante recurso de argumentação. Outrossim, deve-se considerar que, para atingir o público alvo do jornal cujos editoriais formam o *corpus* dessa pesquisa – leitores das classes culturalmente privilegiadas – além do estilo seco, austero, que marca a seriedade de suas opiniões, o discurso dos editoriais reflete as possíveis escolhas dos leitores:

---

registro distante da oralidade, estruturas próximas ao que se convencionou como padrão linguístico no português, entre as quais os articuladores lógicos da concessão, consagrados pelo uso em textos escritos.

A partir da análise de um *corpus* formado por setenta editoriais jornalísticos, pode-se dizer que não houve acréscimos significativos ao acervo de articuladores sintáticos que manifestam a concessão, uma vez que, no gênero analisado, há uso pouco variado de conectores concessivos e elevado número de ocorrências repetidas.

Esta pesquisa partiu da hipótese de atribuir uma atualização à descrição linguística dos articuladores sintáticos concessivos, no entanto, devido ao baixo número de ocorrências de novos conectores, tal hipótese não pôde ser ratificada.

Por fim, vale mencionar que o presente trabalhodeverá ser desenvolvido como dissertação de Mestrado. Somente a sua continuidade, com a consequente ampliação do *corpus* de referência, poderá comprovar de maneira rigorosamente científica se se configuram acréscimos significativos ao acervo de articuladores sintáticos que expressam a concessividade ou se o elenco registrado nas gramáticas se mantém, pelo menos no que concerne ao gênero textual pesquisado.

## Referências

- ABREU, Antônio Suarez. *Curso de redação*: São Paulo, Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_. *A Arte de Argumentar: Gerenciando Razão e Emoção*. 13ª Ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2009.
- AZEREDO, José Carlos. *Fundamentos de Gramática do Português*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Houaiss/Publifolha, 2008.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. rev. e ampl. 15. reimp. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à Linguística I*. 6. ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2011.
- CEZARIO, Maria Maura. VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. 2. ed., 2ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.

---

CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica (orgs.). *Linguística Centrada no Uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad x FAPERJ, 2013.

DECAT, Maria Beatriz N. A Articulação Hipotática Adverbial no Português em Uso. In: *Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Argumentação e Linguagem*. 13ª. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 2000.

NOBLAT, Ricardo. *Blog do Noblat*. (Internet). Brasília: desde 2004. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat/>. Acesso em: 02/06/2014.

OLÍMPIO, Hilda de Oliveira. *Articulação de orações: ultrapassando a sintaxe*. Revista (Com) Texto Linguístico. Vitória. °n. 1: 69-78. 2007. Disponível em [www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/download/5093/3825](http://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/download/5093/3825)

RODRIGUES, Alexandra Carneiro; BARBOSA, Lorena Lima. O tratamento funcionalista da articulação de orações. In: NOGUEIRA, Márcia Teixeira (Org.) *Estudos linguísticos de orientação funcionalista*. Fortaleza: Edições UFC/GEF, 2007. (CD)

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Expressão da Concessividade em Construções do Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2012. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa.

VIEIRA, Eliane C. A., NOGUEIRA, Márcia T. A hipotaxe adverbial concessiva em artigos de opinião. XIX Jornada de estudos Linguísticos do Gelne, em 2002 e publicado em Soares, M. E. (Org) *Pesquisas em Linguística e Literatura: descrição, Aplicação, Ensino*. Fortaleza: UFC/PPGL/GELNE, 2006.